



ANCESTRALIZAÇÃO EM SURUBABEL¹ OU COMO BEBER UM RIO



MARCOS [GAIO] MATOS

*Doutorando do PPG-AU/UFBA e membro do
Laboratório Urbano (PPG-AU/UFBA)*

Nova Rodelas é um poço sem fim de lembranças. Afogada pelas águas do lago artificial de Itaparica e agarrada a um entorno de ilhas e territórios antes ocupados pela comunidade nativa Tuxá - também cobertos pelo lago - a única construção visível da cidade antiga é a caixa d'água que parece flutuar sobre a superfície do lago como um jazigo a velar seus escombros. O maior desafio da população que persiste é passar adiante as memórias e histórias da velha Rodelas. O desenho da cidade, suas ruas, praças e construções ainda sobrevivem em fotos desbotadas e na presença dos galhos da copa das árvores secas furando a superfície das águas fabricadas pela barragem que estrangulou o rio.

Neste tempo, estávamos evidentemente com a novidade do desconhecido e todos os caminhos abertos. E no avanço da aproximação, a paisagem do rio nos recebia extrovertida, quase ofuscando o olhar do Hidronauta, que passeava distraído pela majestade do espaço. Animava nossos corpos na apreensão de cada existência, absorvendo a raridade de cada sutileza que a vista e as sensações pudessem abraçar. A amplitude do lugar é tão evidente que mesmo invisibilidades e silêncios são cruamente absorvidos, entrelaçando ainda mais seu corpo já entrelaçado à paisagem. Mais uma vez, e mais do que nunca: **Natureza sobre natureza.**

A perfeição é atingida quando se crê que não há mediação alguma entre a natureza – exterioridade total – e a forma segundo a qual essa é percebida. Apagados o trabalho, o labor, a fabricação. Apagados os intermediários, as cadeias de razões e de justificativas. Frequentemente, no caso da paisagem e algumas vezes apenas no caso de alguma obra, o que é dado como parte de um sistema radicalmente estranho a nosso funcionamento mental (a natureza física, o Outro) entra em acordo e ressoa nessa mesma construção: a natureza, pura exterioridade, passa a ser também pura interioridade. Temos o íntimo sentimento de uma perfeição, de uma relação de natureza a natureza. Isso decorre de uma dupla garantia: a natureza (exterior) garante a paisagem, e a paisagem garante – porta-se como fiadora – do natural de nossa natureza (interior). (CAUQUELIN, 2007, p. 124)

A exceção de contínuas vibrações que se materializavam em ondas miúdas se dobrando na superfície doce do São Francisco, a paisagem é sussurro. Nesse instante, o hidronauta passa a ser capturado e ajustado sem pressa a uma perspectiva desertificada de gente, mas ocupada por uma aura policêntrica de ausências e possibilidades, intensamente povoada pelo marulho de memórias submersas junto às ruínas de Rodelas no fundo do lago. Puro instinto, se despe e mergulha apressado naquele mar de água doce, abduzido por uma traquinagem infantil dançando inebriada pelo encantamento do encontro.

O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas. [...] A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempo (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. (RUFINO; SIMAS, 2020, p. 4)

A vontade de rio intensifica o estranhamento de uma mistura que desde sempre existiu. E a cada gole de água, o hidronauta despersonifica continuamente sua existência até se dar conta do seu emparelhamento a um devir correnteza e a paisagem à sua volta. Afluindo ao drama de um São Francisco impregnado pela memória de Rodelas, os seus afetos mais clandestinos.

Revigorado por este abraço líquido, constata que é apenas mais um dos nós infinitos que, anonimamente, atam e desatam uma diversidade de histórias num mesmo ser emaranhado ao movimento e a bricolagem de fluxos e acontecimentos na composição de uma história desmedidamente muito maior e mais complexa. E que, na feitiçaria daquele momento, a instabilidade dos seus mundos estavam, enfim, colidindo.

A essa altura, as corredeiras que no passado carregavam a vitalidade de um São Francisco livre de qualquer contenção já inundavam o hidronauta, despurifican-

do seu sangue com a doçura corrente do velho Chico, para animar uma alquimia de fluxos. Compartilhavam agora, a mesma densidade etérea que entrelaçam crises e histórias distintas numa experiência que implode as contenções do seu corpo, bem como as demarcações ontológicas que nos estrangulam a vida e governam as diferenças entre humano e natureza, vida e não-vida, animado e desanimado, entre ser e não ser, desenhadas por um construcionismo multicultural que, desde sempre, coloniza e subjuga mundos e cosmologias não ocidentais.

Manejando o estranhamento dessa simbiose, o hidronauta se expande, e se expande ainda mais pelas tensões de uma corporalidade entrelaçada a uma paisagem sem fim. Paisagem que movimenta e inflaciona nas armadilhas do tempo a fricção imprescritível dos seres e a multiplicidade de suas cosmologias.

Estamos acostumados a pensar que o ser é algo que podemos contornar em uma forma de vida, um ethos, um caráter, enquanto a lagarta e a borboleta nos mostram que não é bem assim que funciona. Também do ponto de vista do ethos, a vida passa facilmente de uma forma para outra e nunca é reconduzível a um mesmo mundo – no fundo, no processo de metamorfose dos insetos, se passa de um mundo para o outro e a vida é o que permite a junção desses dois mundos. (COCCIA, 2020, p.1-2)

[...]contaminar-se pelo outro não é confraternizar-se, mas sim deixar que a aproximação aconteça e que as tensões se apresentem. O encontro se constrói quando de fato se constrói a partir dos conflitos e estranhamentos e não de sua denegação humanista. (ROLNIK, 2003 p.6)

A imanência desse amálgama que agora inunda a consciência e o corpo etéreo do hidronauta borbulha e faz emergir uma outra potência onipresente, mas até então desacordada: a natureza múltipla de uma ancestralidade em suspensão. Ao acionar esse feixe de relações ancestrais, inflexiona sua corporalidade adoçada pelo rio e colapsa completamente a grafia de uma árvore genealógica piramidal que se frutifica numa progressão bem-comportada no tempo e atávica ao falso purismo de uma alteridade geneticamente consanguínea e linear. Este despedaçar inesperado arrebatava sua existência e amplifica indiscriminadamente a noção ocidentalizada de parentesco, enraizada na ideia de uma origem comum. Lhe desconecta de um familismo conhecido e previsível, encarrilhado numa sucessão de ascendências puramente humanas e povoadas por uma sequência cronológica demarcada por datas, aniversários e semelhanças nominais. Em seu lugar, explode a complexidade rizomática de uma conexão ancestral ilimitada e extrovertida, replicada numa configuração onde “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE, 1997, p. 4). Naquele instante, o hidronauta se afluía num idioma de alteridades atômicas e tensionamentos que vão, desde sempre, ligando, remontando, borrando e parindo incessantemente a potência dos corpos a partir dos seus deslocamentos e interações — amigáveis ou não — com outras existências e cosmologias.













Comunicações transversais entre linhas diferenciadas embaralham as árvores genealógicas. Buscam sempre o molecular, ou mesmo a partícula sub-molecular com a qual fazemos aliança. Evoluímos e morremos devido a nossas gripes polimórficas e rizomáticas mais do que devido a nossas doenças de descendência ou que têm elas mesmas sua descendência. O rizoma é uma antigenealogia. (DELEUZE, 1997, p. 14)

Diante desta infestação que lhe assalta a existência, sente sem pressa seu ser impregnado por uma liminaridade latente a outras intensificações e corporalidades desconhecidas, também liminarizadas exponencialmente. Nesta perspectiva, se reinaugura e reconhece a si mesmo como um devir de colisões perene, desprovido de direções e finalidades. Neste estado mutacional e já desamarrado dos limites espaço-temporais, corpo e consciência persistem em sua diluição na paisagem rodense vaporizados na dispersão de uma apreensão atrevida e multiplicada em atlas. Caçador de mil olhos, aciona o desejo dos seus instrumentos inscritos no corpo como tatuagens e continua com seus gestos de alastramento, na tentativa de perscrutar o silêncio de minúcias e reminiscências memoriais submersas nas águas do passado.

Passeia como nuvem entretido e alerta pelo espaço liso da praia de Surubabel. Se afeta pelo vai e vem de uma fronteira líquida, animada por vibrações que lambe e lubrificam sua aura em sintonia com o movimento das águas guardadoras de ruínas. Com as ferramentas afinadas e já imantadas ao seu corpo convertido em flutuações, prossegue em suas prospecções memoriais por Rodelas. Conversa com o que desconhece, imerso numa coreografia anômala e feiticeira, invocando entidades-rizomas para misturar ainda mais sua carne emanada ao tempo e ao espaço, onde a liberdade e a diversidade de conexões se infinitam.

Nesse sentido, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d'água, pedra de rio e grão de areia. O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado. (RUFINO; SIMAS, 2020, p. 8)

Se entrelaçam a paisagem e a bruma que embriaga o lugar com a invisibilidade das coisas e dos tempos que não viveu. No desejo dessa busca, sua ancestralidade lateja, tentando agenciar um porvir de memórias que ensaiam aparições numa aliança perene entre passados e presentes. Neste ponto, o hidronauta percebe que não há mais distinção nem ordem na duração, e que a fila perpétua de instantes que, até então, teimavam em quantificar o correr da vida, se dispersa numa brisa de fagulhas sussurrando à sua intuição que “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança, tal como ela lampeja num instante de perigo” (BENJAMIN, apud LOWY, 2005, p. 65). Se vê então, abraçado por essas micro constelações. Imerso em aparições miúdas, operando como vagalumes na

penumbra dos tempos, lentamente destacando a silhueta de vestígios e esquecimentos que vão seduzindo sua apreensão, iluminando com um brilho ainda infante as frações de um passado “que rói o porvir e incha à medida que avança. Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente” (BERGSON, 2006, p. 46). Um passado que acelera suas intensificações atropelando a si mesmo para atrasar sua estadia no agora dos acontecimentos. Evocando e amontoando lentamente uma selva de sussurros e recordações rodelenses, que vão se desequilibrando e desabando o peso virtual de suas memórias para se atualizar nas feições do presente hidronáutico.

Surfando no lombo dessas sobreposições temporais, sua ancestralidade já extrovertida é provocada e passa também a reluzir essa alquimia piscante que dilui as gradações entre passado e presente, perturbando ainda mais sua paisagem. E mesmo que a flexibilidade e a segurança de certas rupturas temporais orientem o rumo das narrativas históricas coletivas, a potência ancestral do hidronauta grita em outra direção. Inspira e ecoa dos extratos mais ocultos do seu corpo-paisagem um ruído visceral que anima e faz tremular o ambiente, para estilhaçar toda cadeia de periodizações e rupturas entre passado e presente, que encarrilham a oficialidade dos acontecimentos.

Nesse horizonte, se afeta por uma outra cosmologia temporal completamente divorciada das epistemologias ocidentais que especulam traduções do tempo e seus desvios. Um lugar onde passado, presente e futuro - não necessariamente nesta ordem - nunca existiram como categorias funcionais nem atuam como sujeitos-duração, mas como intensidades desmatematizadas e fora do universo de posicionamentos que, de um jeito ou de outro, narram e empurram a oficialidade da história. Ademais, é partindo deste equívoco que exclui outras possibilidades de ser no tempo que o hidronauta atua para profanar e “subverter os equipamentos conceituais de quem traduz” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.5) e perder-se na indeterminação de num espaço-tempo inventado por novas motivações e apreensões; se afastando da miopia que esconde outros mundos e tempos, para incorporar a vibração de subjetividades e perspectivas sobrenaturais à sua aventura temporal. Borrando e apaziguando sua imaginação, junto à armadura ontológica, há muito tempo incrustada na pele das ciências civilizantes, para só assim conciliar outros possíveis.

Quando abrir a porta e assomar à escada, saberei que lá embaixo começa a rua; não a norma já aceita, não as casas já conhecidas, não o hotel em frente; a rua, a floresta viva onde cada instante pode jogar-se em cima de mim como uma magnólia, onde os rostos vão nascer quando eu os olhar [...] (CORTÁZAR, 1994, p. 4)

Diante dessas turbulências, o hidronauta aciona suas ventanias para deambular na abstração de um tempo fora do tempo. Num idioma temporal apartado das gêneses históricas e divinas. Selvagem e intuitivo, performando sem as cicatrizes

de rupturas e divisões demarcatórias; incomensurável e sem futuro, mas sempre acolhedor do presente. Uma brisa de multiplicidades sem duração e disfuncional, que embriaga o espaço com a invisibilidade e o devir de suas conexões com a paisagem. Desde sempre matizando a policromia exuberante da sua aura ao aqui e agora de uma natureza errante, completamente inconsciente das métricas e posicionamentos que se confundem e se sobrepõem em meio à aceleração de um mundo racionalizado pela modernidade. Um tempo sem tempo, volátil, mas sempre presente, que não passa nem assenta, mas que amanhece e anoitece, que chove, que venta, que treme a copa das árvores e os extratos mais profundos da terra cultivando seus jardins e abismos. Que move rios e mares e troca as fases da lua, que traduz o brilho das estrelas, impuro, que alimenta e protege, que ataca, incendeia, chora e ri, mata e aflora, sempre partilhando e transmutando uma cosmologia de alegrias e adversidades, ritualizadas no imponderável de suas perturbações e dialéticas. Fluxo perpétuo de ruínas e renascimentos rodopiando a contingência insanável das transformações sobre si mesmo. Imantado a vitalidade de uma dimensão espacial ao avesso e existindo desligada das métricas que imprimem o antes e o depois para habitar um regime de intensificações ferozmente exilado pelo homem branco e a flacidez da utopia moderna.

O hidronauta é, então, enfeitiçado por essa existência indomável. Assaltado por uma tridimensionalidade que se completa por um excesso de vida e movimento, que encanta sua aliança com a paisagem da região de Rodelas, o revestindo com cargas subjetivas e qualidades temporais diversas, suspensas das acelerações e vivenciada na potência de outras intempéries - sem o hábito burocrático que comprime a vida na ansiedade de uma mola infinita, sempre voltada em direção a um futuro esgotado.

*“Mas o futuro não existe, existe o aqui e agora. Estamos vivendo projeções de futuros muito improváveis que venham a acontecer, mas preferindo o futuro ao presente. [...] A fricção com a vida proporciona um campo de subjetividade que prepara a pessoa para qualquer tarefa na vida. A gente não precisa formatar alguém para ser alguma coisa, mas antes pensar na possibilidade de proporcionar experiências que formem pessoas capazes de realizar tudo o que é necessário”.*²

Segundo os princípios que regem nosso existir, a vida é feita para ser vivida com toda a intensidade que o momento oferece. Essa ‘filosofia’ se baseia na ideia do presente como uma dádiva que recebemos de nossos ancestrais e na certeza de que somos “seres de passagem” [...]. Nessa visão está implícita uma noção de tempo alicerçada no passado memorial, mas nunca numa vazia ideia de futuro. O ‘futuro’ é, pois, um tempo que não se materializou, não se tornou presente e, por isso, impensável para a lógica que rege nossa existência. (MUNDURUKU, 2012, p. 68)

Ainda na praia, o hidronauta flutua por esse espiral de temporalidades até se deparar com as ruínas de uma floresta estranhamente cinza e imóvel, destacada

num horizonte matizado com a brancura instável das nuvens. Uma flora estranha, conservando árvores como se fossem totens do tempo, espalhados às margens e no meio do São Francisco. É quando, repentinamente, a paisagem de Surubabel sacode - ali, uma gravidade incomum emana de galhos e troncos secos, prontamente aliciando seus movimentos e afecções. O hidronauta sente na hora o assombro afritivo da morte lhe inundar o ser enquanto se arvora.

E assim que atravessa a floresta e se dispersa no acúmulo das árvores - petrificadas no tempo pelas contenções que mutilam o rio - o hidronauta evoca um desassossego represado na rigidez dos seus troncos (ossos?). As árvores e as pedras possuem a eficácia de conservar a variação de sua temperatura no correr do dia, assim podem “falar de uma memória de toda matéria orgânica, sim, da matéria em geral, no sentido de que determinadas ações efetivas deixem nela vestígios mais ou menos duradouros” (SPAMER, apud ASSMAN, 2011, p. 227). Mesmo aos mais desavisados, elas memorizam. E como os humanos são seres memorizantes e, por cadeia, podem também acumular o universo memorial de suas interações e experiências com outros entes vivenciadas em outros espaços e tempos.

Sabedoria das plantas: inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo - com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.) “A embriaguez como irrupção triunfal da planta em nós”. (DELEUZE, 1997, p.19)

195

Por meio de suas raízes, elas se conectam à cosmologia da terra e às tramas que movimentam os mundos, onde cada gesto encontra e convida outros para dançar a música das transformações e da memória com mais outros e assim por diante. E se as árvores memorizam, elas podem, do seu jeito, também difundir. E se arvoram a irradiar, na imobilidade dos seus passos enraizados na areia, as voltas que o tempo dá. Neste instante o hidronauta é violentamente sugado pelos ossos da paisagem e desvelhece o tempo.

Ainda mais rarefeito em meio a essa cadeia alucinada de desvios e transmutações, o hidronauta percebe ao seu redor um outro mundo estranhamente familiar, presentificado num passado recente ainda nas terras de Surubabel. Nessa nova configuração espaço-temporal, no entanto, o acontecido se refaz na apreensão de um novo agora, reanimando velhos instantes nas rugas de um tempo em refluxo. Com sua nave temporariamente assentada num avesso temporal, testemunha *in loco* a infância dos esquecimentos ardendo num presente diferido, mas tão raros de aparições no futuro que já passou, quando ainda estavam excessivamente desbotados pelo tempo.

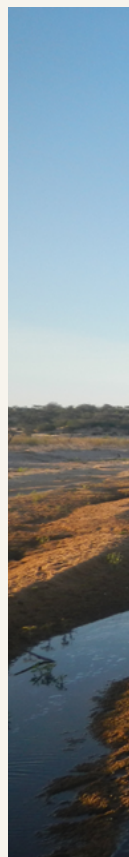
Nessa policronia confusa onde o hidronauta experimentava a reedição dos momentos, passado e presente continuavam a partilhar suas intensidades, mas ainda se comportando como fugitivos experimentados e contumazes, sempre

escorrendo seus desdobramentos diante de quaisquer tentativas de captura e evocação mais persistentes. Uma junção temporal tonta, que aparenta propositalmente não colaborar em absoluto com captores e seus tradutores oficiais em meio a seus processos de aparelhamento; que se orienta na contramão dessa busca impossível e perene pela verossimilhança factual dos acontecimentos e que, definitivamente, não se retrai na memória de um tempo morto, mas retorcido e modificado. “A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena” (BERGSON, 1999, p. 89). Num estalo, o hidronauta percebe que o passado, mesmo acontecendo agora no presente, performava num lugar de névoas e fumaças desconcertantes, imerso numa miopia que jamais alcança a completude diante de tanta hesitação ao redor. Em meio a esse tiroteio temporal que lhe atravessa e sangra as vísceras memoriais, o hidronauta atenta que, em qualquer tempo, o passado disputa a contingência de seus incidentes com uma cronologia pacificada, obediente à uma linearidade historiográfica traficada e reescrita falaciosamente por mãos êmulas. E quando, de alguma forma, é dragado à superfície conturbada do presente, o passado se entrega trôpego, vacilante e estafado na instabilidade da sua permanência, inundado pelo não dito e por falhas temporais e factuais. Preso a esse tumulto, desnorteado e perdido na multidão de silêncios e esquecimentos que rodopiam alucinados à sua volta, o passado se desmonta e desaba, e esfarela-se ainda mais em cacos - e o que vem à tona?

196

Uma inflação ainda maior de frangalhos. Fauna infinita de informações de toda espécie boiando a esmo num mar revolto de acontecimentos e temporalidades dispersas na iminência de serem pescadas a qualquer momento pela rede esburacada da oficialidade histórica. E o que se apresenta à mesa para matar a fome das narrativas mais bem aparelhadas pelas instituições que, de alguma forma, manejam as feições do conhecimento ou do poder, é consumido em fatias. Destrichadas, temperadas e mastigadas, são servidas ainda quentes e esfumaçadas. Bem ao gosto dos atores mais “einentes”, a empanturrar as entranhas da história e arrotar ao mundo o protagonismo de suas pautas, demandas e uma suposta eficiência do contexto esquizofrênico de progressismos onde estão inseridos. Ao mesmo tempo, vão empurrando para as bordas do prato o que é descartável, não comestível e tudo mais que foge ao paladar “gourmetizado” dessas organizações. Vão ficando de lado as carcaças, os restos, peles, cartilagens, pêlos, ossos e toda sorte de refugos históricos como analogia à pilha de ruínas, escombros, cadáveres e a procissão de vestígios, silêncios e esquecimentos que se perdem e sobram pelo caminho no rastro necropolítico (MBEMBE, 2003) dessas operações de apagamento e desterro - como o ocorrido em Rodelas.

A história contada nos livros oficiais e didáticos, assim como na televisão, narram apenas uma parte da história. Apresentar um lado da história acaba sempre por silenciar outras histórias, aquela que não é tão conveniente que as pessoas conheçam. Aliás,



quem teria interesse em saber a visão das 200 famílias Tuxá que tiveram suas ilhas inundadas em nome do “progresso da nação”? (CRUZ, 2017, p. 25)

Ainda que a confusão dessas considerações temporais possam ilustrar a cadeia de fins de mundo que se alastram exponencialmente pela face do planeta, assim como os agentes do esquecimento e governanças letais, especializadas em instaurar devastações, genocídios e catástrofes - e estamos, nesse momento, testemunhando desgraçadamente uma delas ancoradas em regimes negacionistas para construir uma pilha de mortos - obviamente nos atemos aqui aos acontecimentos recortados e situados na região de Rodelas ou Nova Rodelas e o seu topônimo submerso, a “Velha” Rodelas. Emparelhada no tempo, às crises e ao drama apocalíptico de outras histórias a exemplo de Brumadinho, Mazagão, Fordlândia, Mariana, o Quilombo Dom João bem como uma infinidade de outras cidades, paisagens e povos ameríndios a exemplo dos Tuxá de Rodelas, violentamente desterritorializados de suas cosmologias pela inundação provocada pela barragem.

Figura 1. Árvores mortas ou submersas no São Francisco.
Fonte: Gaio Matos.



Na excitação dessas águas perturbadas pela ventania, a grafia da copa de árvores ilhadas parece desfilas no silêncio da paisagem como uma procissão de vértices. De longe, recortam o horizonte em fatias com a sinuosidade esque-lética de seus galhos despidos de folhagem para atravessar o tempo. Entre uma brisa e outra, oscilam como um ritual de lanças, prontas para defender suas existências do esquecimento prescrito por um dilúvio planejado. O resalto de suas pontas perfura as águas, emergindo na superfície do lago como armadilhas ou como a quimera de alguma dança da guerra ainda sem nome.

Ao olhar do Hidronauta, esse estranhamento animado na planície das águas franciscanas reverbera como reminiscências seculares de uma resistência ameríndia Tuxá, diante da loucura invasiva do homem branco. Uma escrita camuflada, grafada na memória do tempo, que evoca e arrepias nas sensações do seu corpo-paisagem uma sobrevivência poderosa. Um embate que atravessa ciladas temporais, resistindo ao esmagamento agenciado pelo avanço da civilização, emblematizada na construção da represa que fabricou o afogamento de suas terras. “Nosso Toré não é só uma dança, mas também um ritual religioso. Uma parte dele é de preparação espiritual para enfrentar uma situação conflituosa” (UIL TON TUXÁ, 2008). Essas pontas que trincolem ao vento parecem ainda evocar as vozes do silêncio, trazendo à tona o grito abafado de existências e cosmologias continuamente fulminadas pela insanidade epidêmica do progresso, ressoando uma narrativa esquecida e sepultada pelo não dito de uma história oficial que sempre celebrou o massacre das diferenças, o extermínio e dominação do outro - cinicamente empunhando o álibi da infâmia civilizacional.

E não é isso que o peso morto dos monumentos urbanos, que poluem as cidades e os cartões postais, impõe? Diante do monstro de concreto (monumento?) que estrangula o São Francisco numa paisagem matizada pelo corpo hidronáutico, esses galhos que dançam nus e esqueléticos com a vibração mansa do rio se inscrevem na pele do meio ambiente como contra-monumentos Tuxá - petrificados numa coleção de vestígios que permanecem no presente como cicatrizes memoriais de um passado brutal, que atravessa o tempo, decepando o povo Tuxá e a população de Rodelas de suas terras de origem. E como nos lembra Benjamin: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (2005, p. 70). Sobre o processo de expansão Tuxá, Manuel dos Santos Tuxá nos lembra que:

Em 1986 ocorreu o primeiro ato de agressão com nosso povo que foi dividido. Em 1988, fomos deslocados para a nova cidade deixando a parte do nosso território fértil onde tudo o que se plantava, e colhia. Era a garantia da autonomia do povo Tuxá, grande produtor de

Figura 2. Solo árido da região de Rodelas.
Fonte: Gaio Matos.






*cebola, arroz e mandioca. Até hoje, 32 anos passados, não recebemos terras para plantio e o que fica é o sentimento de revolta, injustiça e impunidade.*³

A profusão dessa flora de rastros no ecossistema de Surubabel desconcerta a paisagem do hidronauta ainda perturbado, à beira do rio. Ao mesmo tempo, animam a eficácia de uma brisa sonora do tilintar seco dos galhos, acionando um regime incomum de sensações feiticeiras. O estranhamento dessas vibrações parece também evocar travessias de tempo ocultas, quase invisíveis. Não antes de se desdobrar numa sinfonia memorial esparsa e opaca, difícil de ser apreendida, essas aparições musicalizam toda a atmosfera do ambiente. Nesse instante, seus sentidos de audição se arvoram para tentar acolher o anonimato desses sussurros, que logo adentram sua paisagem auditiva. Essa evocação ruidosa e crescente orquestra um motim de sensações sonoras que rasgam o mutismo do tempo com a potência de uma memória ameríndia quase necrosada. Sitiada num infinito de silêncios pela barbárie de um apagamento colonial que, desde então, se atualiza persistentemente onde “O presente se lança com força imperativa sobre nossas existências: descaso, injustiças, a morosidade, espera, descrença e o

esquecimento. Ainda assim, resistimos.” (CRUZ, 2017, p. 16). Nesse mesmo tom, como nos relata a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, “sabe-se pouco da história indígena: nem a origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto: hoje está mais claro, pelo menos a extensão do que não se sabe” (CUNHA, 1992 p. 11).

Atordado, o hidronauta se deixa carregar pela amplificação dos ruídos memoriais que embriagam sua audição, até desaguar sua paisagem num passado ainda mais remoto onde tremula em meio à uma desordem sangrenta e ensurdecidora. Habitando agora a infância da invasão colonial, se vê encurralado num campo de batalhas existenciais onde assiste, incrédulo, a contenda magnífica de um guerreiro ameríndio traçado com as cores da guerra e adornado com um disco de madeira entalhado nos lábios. A muscularidade nativa dessa resistência se contraía empenhada em retaliar o ataque letal dos invasores, ávidos em domar a região sertaneja.⁴ Uma confusão de vísceras esvoaçantes se espalhava em meio a desordem da disputa tingindo a caatinga com uma vermelhidão mútua. Enquanto isso, desviando das tripas e ossos quebrados, o hidronauta se protegia da guerra camuflando a tontura da sua paisagem nas micro trincheiras que rachavam a aridez do solo sertanejo. 

NOTAS / REFERÊNCIAS

¹ Surubabel, Sorobabel ou *Dzorobabé*, refere-se a uma das ilhas no meio do Rio São Francisco habitada pelos Tuxá. Segundo Salomão (2006) a aldeia mudou-se para o território conhecido hoje como Rodelas, depois de uma grande enchente no rio quando ainda não havia brancos na região. Posteriormente, com a implantação do lago artificial de Itaparica, ocorre uma nova migração e uma luta pela terra que até hoje persiste. Esse fato resulta num processo de autodemarcação pelos Tuxá, à revelia da FUNAI, de um território situado à beira do Rio São Francisco reconhecido como ancestral e batizado novamente como Surubabel.

² Fala de Krenak no 2º Congresso Virtual LIV - Laboratório Inteligência de Vida, realizado em 18/09/2020

³ Depoimento dado por Manoel Uilton dos Santos Tuxá aos jornalistas Azael Goes e Juciana Cavalcante para a CBHSF - Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco. Disponível em: [www: https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/novidades/](https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/novidades/).

⁴ As invasões holandesas no Brasil referem-se ao projeto de ocupação do Nordeste brasileiro pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais durante o século XVII. A batalha mencionada ocorreu na localidade de Ribeira das Alagoas do São Francisco..

/

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Editora da UNICAMP, Campinas, SP. 2011

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos L. Müller. In: LÖWY, Michel. Walter. **Benjamin**: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo. 2005.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. Trad. Claudia Berliner. Livraria Martins Fontes, Ltda, São Paulo, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e Matéria**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes, São Paulo. 1999.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

DELEUZE, Gilles; Félix Guattari. **Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia** vol.5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed 34.1997.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32. 2016

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**, São Paulo:

Paulinas, 2012.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização. In: **Cultura e subjetividade. Saberes Nômades**. Org. Daniel Lins. Papirus. Campinas. 1997

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Mórula Editora. Rio de Janeiro, RJ. 2020.

SALOMÃO, Ricardo Dantas Borges. **Etnicidade, territorialidade e ritual entre os Tuxá de Rodelas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

PARA CITAR:
MATOS, M.G. Ancestralização em Surubabel
ou como beber um rio. Redobra, n. 16, ano 7,
p. 183-201, 2022.